

Uma inspiradora relação com os obstáculos do mar e da vida

Klink se sobrepõe aos desafios

■ **HABILIDOSO** contador de histórias, Amyr Klink, único homem a cruzar o Atlântico num barco a remo, é um personagem encantador

GUSTAVO LUCCHESI*

As habilidades do brasileiro Amyr Klink vão além do mar. Mais do que um mestre em expedições e aventuras marítimas, o paulista, filho de pai libanês e mãe sueca, é escritor, documentarista, palestrante e um dos maiores contadores de história dos tempos modernos. Ele seria uma espécie de Forrest Gump dos mares: como o personagem do filme americano, expressa situações verdadeiras que se aproximam muito da fronteira do surrealismo. O espírito aventureiro que corre nas suas veias e a busca pelo conhecimento da vida marítima são os ingredientes perfeitos para o paulista de 58 anos se tornar o centro das atenções em qualquer lugar que ele esteja. Não à toa, Klink tem oito livros publicados, um documentário gravado e mais de 2.500 palestras no seu currículo, apresentadas pelo Brasil e exterior.

Na última terça-feira, a Folha de Pernambuco esteve presente na Livraria da Vila-Pátio Higienópolis, em São Paulo, para ter o prazer de acompanhar de perto o contar de fantásticas aventuras. Klink usa sua habilidade e o seu poder de prender a atenção de todos com seus relatos. O evento foi realizado em comemoração aos 30 anos da Travessia do Atlântico, feita à remo, saindo da

África e acabando no Brasil, vencendo os sete mil quilômetros "no braço". Um feito até hoje nunca igualado.

Bastou as portas do auditório fecharem para Amyr Klink começar o seu show, em entrevista coletiva. Por cerca de uma hora e meia, ele prendeu a atenção dos presentes, o que voltaria a fazer logo em seguida, quando comandou uma palestra bastante concorrida, com assentos esgotados e muita gente nos corredores. A curiosidade é que, diferente da maioria dos grandes contadores de história, o paulista não segue um "roteiro" de relatos e tampouco consegue exibir uma organização linear das memórias, indo e voltando entre os eventos da sua vida assim que se lembrava de algum detalhe interessante.

Mas o papo de Klink não se resume aos momentos de aventura. Formado em economia e pós-graduado em administração de empresas, o paulista não se enrola quando assuntos mais delicados são abordados. Ele disparou contra a falta de visão do setor portuário brasileiro, que, segundo ele, "poderia lucrar R\$ 20 bilhões no fretamento de barcos privados, somente no Rio" e a burocracia. "Me perguntam muito se tenho medo de morrer no mar. A verdade é que você enfrenta tantas coisas piores por conta da burocracia no Brasil que quando você coloca o barco no mar você pensa 'é só uma onda gigante, é só tubarão'. Eu tiro os meus medos de letra", deixou claro Amyr Klink, um homem que nasceu ser um grande desbravador dos sete mares.

*O repórter viajou a convite da AVIANCA

Folha resume

Um convite irrecusável foi feito à Folha: acompanhar de perto a comemoração dos 30 anos de um feito impressionante - a travessia em um barco a remo do Oceano Atlântico, partindo do continente africano e tendo o Brasil como destino final. Tentamos passar ao leitor um pouco da sensação de ouvir o destemido Amyr Klink.

+ HISTÓRIAS

• ANTES DA PARTIDA PARA A ÁFRICA

Discussão com a namorada, problemas no aeroporto, quase-atropelamento, ligação direta numa moto e abordagem da polícia. Klink teve que superar tudo isso pouco antes de embarcar para África, onde iniciaria a travessia. Foram dois anos de preparação. E apenas 50 minutos para arrumar a mala.

• O TESOURO DO PAPAÍ

Para testar aparelhos de localização, Klink enterrou um "tesouro de brincadeira" na Antártica. Anos depois, quando voltou ao lugar em uma viagem com a família, a caça ao tal tesouro virou obsessão para suas filhas. Imersas no lado fantasioso da brincadeira. E o tesouro foi encontrado.

• BARRINHA DE CEREAL NO BRASIL

Klink diz que acompanhou o surgimento das práticas barrinhas de cereais na Europa. Trouxe a Ideia para a Nutrimental, empresa brasileira que o patrocinava. Com o nome de "Chonk", a barrinha se tornou um fracasso - o público achava que era chocolate. Depois, a Nutrimental rebatizou o produto de Nutry e virou líder do mercado.



Entrevista/ Amyr Klink - Empreendedor de expedições marítimas

Busca pela realização pessoal

Em 12 de junho de 1984, o brasileiro Amyr Klink escreveu o seu nome pela primeira vez na história, ao atravessar o Oceano Atlântico a remo. Foram sete mil

quilômetros, de Luderitz, Namíbia, até Salvador, Bahia. O feito rendeu o best-seller "Cem Dias Entre Céu e Mar", escrito pelo próprio Klink e que ficou 31 semanas entre os dez

mais vendidos no País na categoria não ficção. Comemorando 30 anos da façanha, jamais igualada, ele falou à Folha sobre a sua primeira grande aventura.

Por que você acha que o seu feito nunca foi repetido?

Porque é uma ideia estúpida (risos). Não, acho que é porque os que pensam em fazer isso visualizam dinheiro, mídia e fama. E não é. Uma loucura dessa só te traz realização pessoal. É aí que muitos devem ter desistido.

Em determinado trecho do seu livro você afirma que sentiu saudade de algumas coisas durante os 100 dias de travessia, mas nunca lhe bateu

solidão. Como foi esse sentimento?

Olha, muito complicado explicar. Essa história de remoer de saudade, pensar na namorada, na mãe, no cachorro, é um problema do nosso sangue latino-americano. Mas a vida de americano navega é solitária. Eu fui muito focado e tinha tanta coisa para me preocupar. Não senti falta de ninguém em nenhum momento, mesmo sozinho no meio do Atlântico.



"NO MAR eu me sinto mais relaxado, em casa"

Como foi a preparação física para a travessia?

Eu era remador, mas estava um pouco fora de forma por conta de uma lesão sofrida uns anos antes. Então, viajei um pouco acima do peso, mas voltei 25 quilos mais magro.

Qual é a sua grande aventura?

Escrever sobre as minhas aventuras. Isso sim faz minha adrenalina subir. No mar eu me sinto mais relaxado, em casa.

Brasil

ÁFRICA